

**A CASA  
TOMBADA**



**A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS:  
ESCUTAS ANTROPOLÓGICAS E POÉTICAS DAS INFÂNCIAS**

**GABRIEL DOUEK**

**INFÂNCIAS E REFÚGIO: OLHARES REFLEXIVOS A PARTIR DA NOÇÃO DE  
ANCESTRALIDADE E DO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS DA OCUPAÇÃO**

**ELZA SOARES**

**ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. SORAIA CHUNG SAURA**

**SÃO PAULO**

**2022**

A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS:  
ESCUTAS ANTROPOLÓGICAS E POÉTICAS DAS INFÂNCIAS

GABRIEL DOUEK

**INFÂNCIAS E REFÚGIO: OLHARES REFLEXIVOS A PARTIR DA NOÇÃO DE  
ANCESTRALIDADE E DO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS DA OCUPAÇÃO**  
**ELZA SOARES**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de  
especialização A vez e a voz das crianças:  
escutas antropológicas e poéticas das infâncias,  
vinculado a A Casa Tombada.

Orientadora: Profa. Dra. Soraia Chung Saura

SÃO PAULO  
2022

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

GABRIEL DOUEK

### **INFÂNCIAS E REFÚGIO: OLHARES REFLEXIVOS A PARTIR DA NOÇÃO DE ANCESTRALIDADE E DO ENCONTRO COM AS CRIANÇAS DA OCUPAÇÃO**

**ELZA SOARES**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização A Vez e Voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2022. Aprovado pela banca formada pelas professoras:

---

---

---

SÃO PAULO

2022

## DEDICATÓRIA

À todas as crianças e, em especial, à minha querida sobrinha Isabella.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus avós, Rosa z'l, David z'l, Arlette e Victor z'l.

Aos meus pais, Paulette e André.

Aos meus irmãos Daniel e Michelle.

À minha companheira Flavia.

À minha terapeuta Cintia.

À minha orientadora Soraia.

Às famílias da Ocupação Elza Soares e todos os militantes que se dedicam à luta por moradia.

## **RESUMO**

O presente trabalho busca estabelecer um diálogo entre alguns recortes da história ancestral do autor e sua pesquisa de campo em um imóvel recém ocupado pelo movimento de luta por moradia em São Paulo. A narrativa se constrói em três momentos, que partem, respectivamente, da ideia de refúgio, das inquietações provocadas pela literatura e das observações das infâncias na Ocupação Elza Soares. Sem pretensão de encontrar respostas, a materialidade do texto encontra-se no compartilhamento do percurso e das reflexões proporcionadas pelo próprio processo de elaboração do pensamento.

## **ABSTRACT**

This paper seeks to establish a dialogue between excerpts from the author's ancestral history and a field research undertaken in a property recently occupied by the movement of struggle for housing in São Paulo. The narrative is built in three moments, as it follows: the idea of refuge; the inquiries induced by the literature; and the observations of childhood in the Elza Soares Occupation. With no intention of finding answers, the text is materialized through the sharing of its pathway and the reflections enabled by the process of thought elaboration itself.

*"Nada demora mais que as cortesias africanas.  
Saúdam-se os presentes, os idos, os chegados.  
Para que nunca haja ausentes."*

Mia Couto



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
MENEM DIÊ?	12
O PRESENTE DE MIGUEL	16
AS CRIANÇAS DE ELZA	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

## INTRODUÇÃO

"Caminante son tus huellas  
el camino y nada más;  
caminante, no hay camino  
se hace camino al andar."

"Caminhante, são tuas pegadas  
o caminho e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
se faz caminho ao andar"

Antonio Machado

O presente trabalho, que celebra a conclusão do curso de pós graduação “*A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*”, se concretiza como tentativa de partilhar, ainda que de maneira experimental e incompleta, os caminhos percorridos por mim a partir dos encontros, reflexões e vivências despertados por este curso. Escrevo em primeira pessoa, buscando aceitar o convite d’A Casa Tombada de abrir-me à palavra, à escuta de mim e à escrita.

Durante esse processo, que partiu de uma perspectiva absolutamente pessoal, memórias de infância foram trazidas à tona. Trouxe meus ancestrais, de abençoada memória, para perto de mim. Procurei refazer com eles alguns caminhos. Busquei saudar os presentes, os idos, os chegados. Tive que reconhecer a infância silenciosa que mora dentro de mim, para só depois encontrar-me e poder escutar aquelas que habitam fora.

Inventei de mexer com quem estava quieto, puxei conversa, dei-me ao atrevimento de cutucar onças com vara curta. Agora aqui estou, meio atordoado por tantas vozes, incerto de meus próprios caminhos, mas desejoso de trazer mais vozes à mesa de nossa interlocução. (Marques, 2006, pag 27)

Esse é o convite que faço. Sentem-se à mesa e aqui permaneçam por alguns instantes. Sejam meus interlocutores.

Ao escrever, me coloquei vulnerável, mas consegui também construir lugares de acolhimento. Não tive pretensão de elaborar um trabalho com rigor acadêmico, mas partir daquilo que Mario Osorio Marques, nos sugere:

Escrever como provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como a busca do aprender, princípio da investigação.

Por isso, não cabem aqui as exigências "acadêmicas", de um acabado projeto de pesquisa, de uma listagem de itens, de uma bibliografia selecionada, da eleição prévia de um método consagrado por longa série de outras pesquisas.

Esses cuidados prévios terminam por bitolar o ato de escrever, fazendo dele um copiar o que já estava pensado ou previsto. (Marques, 2006, pag 28)

A estrutura deste trabalho se dá, então, em três momentos que, apesar de desconectados do ponto de vista cronológico, são intimamente relacionados. Nas Artes Cênicas, é chamado ato a “divisão da peça teatral, dotada de uma determinada autonomia quanto à ação, tempo, espaço, estrutura da intriga ou ação da(s) personagem(ns), que lhe confere uma certa unidade relativamente ao todo do texto em que se insere” (Infopédia). Assim achei pertinente também chamar de ato cada trecho que compõe este ensaio.

O primeiro deles, "*Menen Diê?*", é um pequeno fragmento da pesquisa sobre minha história familiar. Começo homenageando os que vieram antes, buscando encontrar meu lugar a partir do reconhecimento de minha ancestralidade.

A herança ancestral é muito maior e mais durável (grande duração) do que a minha existência (pequena duração). Esta herança coletiva pertence ao grupo comunitário a que pertencço e me ultrapassa. Desta forma, temos com esta ancestralidade uma relação de endividamento na medida em que somos o futuro que este passado possuía e nos cabe atualizar as suas energias mobilizadoras e fundadoras. Num resumo: nossa dívida com a ancestralidade é sermos nós mesmos. (Ferreira-Santos, 2005, pag 213)

Não por acaso, escolho para nomear o primeiro ato uma pergunta em árabe, presente nos rituais de celebração de Pessach<sup>1</sup> dos judeus alepinos<sup>2</sup>, cuja tradução literal seria “De onde você vem?”.

No segundo ato, intitulado “O presente de Miguel”, exploro uma experiência recente com a literatura, a partir de uma obra que traz em primeira pessoa vozes de moradores de um prédio ocupado no centro de São Paulo, combinadas com os dramas pessoais do autor. Aqui, trago o conceito de experiência como Larrosa propõe.

---

<sup>1</sup> Celebração judaica, também conhecida como “festa da liberdade”, que lembra o êxodo hebreu do Egito.

<sup>2</sup> Naturais de Alepo, cidade localizada no norte da Síria é a maior do país.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (Bondía, 2002, pag 21)

O grande presente foi, portanto, a possibilidade de me identificar tanto com o autor do livro quanto com os personagens e reconhecer o movimento de luta por moradia sob uma perspectiva não somente política e social, mas também afetiva. Podemos dizer, portanto, que este ato é a partilha de elementos sensíveis e não racionais que formam o elo entre minha história ancestral e a escolha do campo onde desenvolvi a pesquisa.

O encontro com as infâncias em um imóvel recém ocupado é o que procuro retratar no terceiro e último ato. Em seis visitas realizadas entre abril e setembro de 2022, pude conhecer e me relacionar com moradores, lideranças e apoiadores da Ocupação Elza Soares, localizada na Vila Mariana em São Paulo. Começo trazendo o relato sobre a entrada no prédio, para em seguida abordar algumas temáticas presentes em meus registros de campo e compartilhar reflexões referentes a elas.

Minhas observações restringiram-se aos espaços comunitários e compartilhados da ocupação, buscando identificar a presença e ausência das crianças. Durante as visitas, procurei perceber como se dava a relação delas com o ambiente e com as pessoas que o compartilham. Dessa forma, meus registros baseiam-se em observações diretas e interações com as crianças e adultos que fazem parte deste contexto.

## MENEM DIÊ?

"O povo tomou sua massa antes que levedasse, atada em trouxas com seus vestidos, sobre os ombros, e os israelitas fizeram como falou Moisés.

E lhe perguntaram:

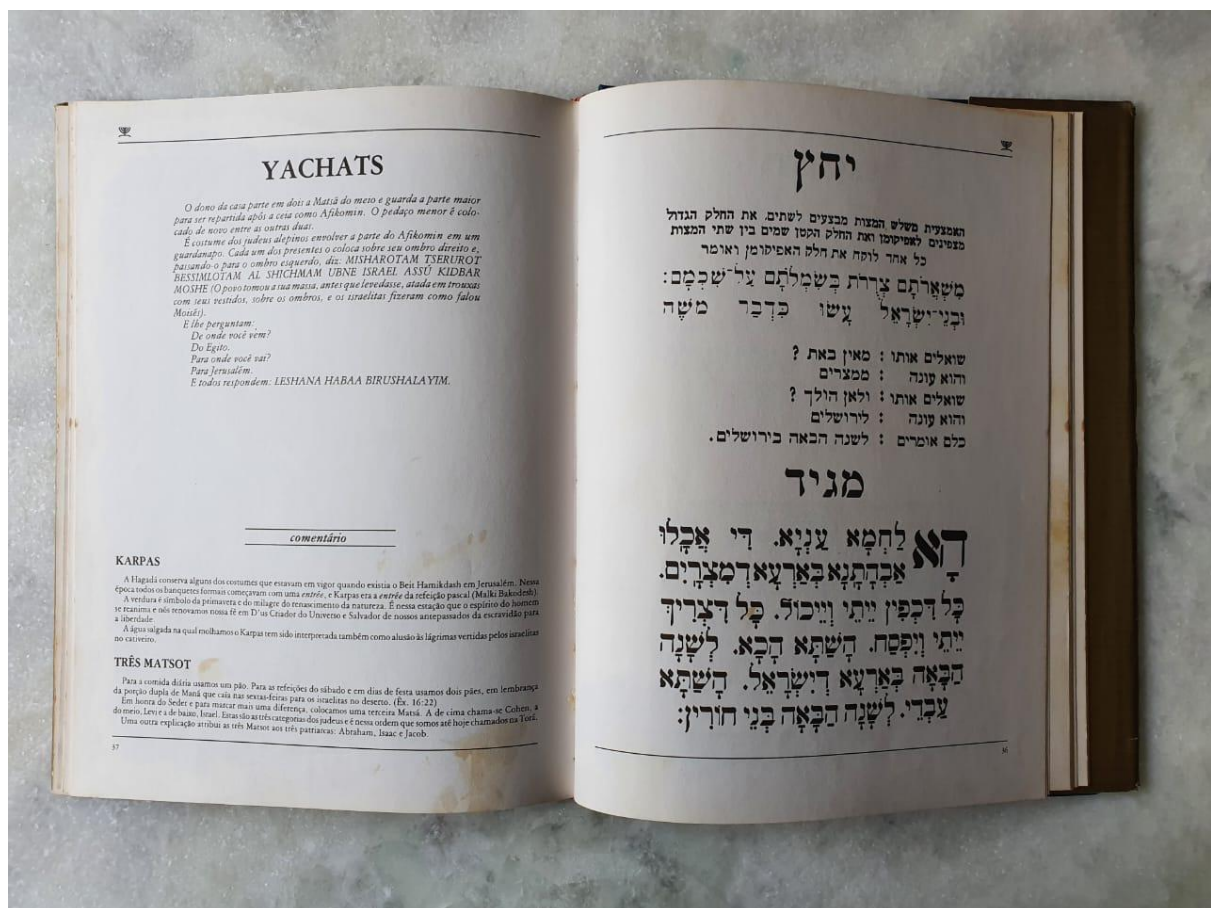
- De onde você vem?

- Do Egito.

- Para onde você vai?

- Para Jerusalém."

Trecho da liturgia religiosa do Seder de Pessach. Passagem relembra o Êxodo do Egito.



Hagadá de Pessach, presente dado por David e Rosa Douek a cada um de seus netos e netas.

Nunca pensei que olhar para as origens da minha família seria uma novidade. Talvez por ser judeu e desde muito cedo ter estudado em uma escola judaica, para mim e meus colegas saber-se descendente de imigrantes era quase como saber-se menino, brasileiro ou filho caçula. Porém, apesar da clareza de que meus pais haviam sido expulsos do Egito, país

de origem que nunca lhes concedeu cidadania, a percepção de que sou descendente de refugiados é bastante recente.

Minha infância foi marcada por idas à sinagoga (casa de reunião e oração) e celebrações religiosas feitas principalmente na casa de meu avô paterno, o mais velho de 7 irmãos que – em minha fantasia – havia fundado o Templo que frequentávamos na rua da Abolição. O local era o ponto de encontro da grande família do meu pai, homens e mulheres nascidos no Egito, que falavam francês e que eu devia cumprimentar com dois beijinhos – um em cada lado do rosto.

Meu avô, o nono David, mais do que um frequentador assíduo, dedicava-se ao cuidado daquele espaço sagrado. Foi um zelador que carregou consigo o mais puro e belo significado dessa palavra. Não sei se foi sempre assim ou se essa foi uma ocupação tardia, encontrada para – talvez – preencher o vazio, suportar a dor e aplacar a tristeza causada pela perda de sua esposa. Dizem que perdemos junto com minha avó Rosa a alegria de meu avô, de quem me recordo como alguém afetuoso e generoso.

Dessa minha avó tenho poucas lembranças. Ainda que hoje me falte à memória os sabores de seus pratos e a imagem de suas mãos empossadas de agulhas e linhas, sei que fazia lindos bordados e era uma excelente cozinheira. Já não posso provar sua torta de damascos e a *moloheia*, uma sopa verde-escura e densa, típica do Egito, mas ainda vejo alguns dos bordados que permaneceram no apartamento onde meus avós viveram e que hoje moram meus pais.

Do lado materno, minha avó Semnha Soliman Shaul (que prefere ser chamada de Arlete, nome pelo qual sempre a conheci), ainda é viva e tem 94 anos. É filha de um iraquiano, teve 8 irmãos e também fugiu do Egito para o Brasil no início da década de 1960 com seu marido, meu avô Haim Leon, e suas três filhas, minha mãe e suas irmãs.

Conta-se que nos últimos dias em que estiveram no Cairo, enquanto meu avô perdia o sono preocupado com o futuro incerto da família, minha avó, por outro lado, queria sair para dançar. Consigo imaginar a cena sem grandes surpresas, já que tanto a seriedade dele quanto a alegria dela lhes acompanharam até a velhice.

Duas vezes por ano, durante as férias escolares, costumávamos ir juntos para o Guarujá. A imagem que tenho do meu avô na praia é dele sentado em uma cadeira alta, vestido com uma camisa de botões de manga curta, bermuda, meias brancas e tênis, lendo o jornal embaixo do guarda-sol. Enquanto isso, trajada com seu maiô, minha avó fazia caminhadas, alongamentos, exercícios e de vez em quando entrava no mar, deixando seu marido em estado de alerta. Quando voltávamos para casa, nos reuníamos em torno de uma

mesa farta, em que o aroma do peixe era compartilhado com o de Arak, um destilado com sabor de anis, típico do oriente médio e muito apreciado pelos homens da família.

Sobre a vida no Egito, a viagem de navio e os anos iniciais no Brasil, casos e curiosidades são populares na família. Sempre soube, por exemplo, que nas casas do Egito não havia forno. Então, para fazer um bolo era necessário levar a massa crua para a padaria do bairro, e pedir ao padeiro para assá-la. Geladeira era artigo de luxo, e na casa de minha avó os alimentos eram conservados em uma caixa térmica, resfriada por um grande cubo de gelo, vendido de porta em porta. Essas pequenas histórias, associadas a estereótipos do Egito antigo (onde não poderiam faltar desertos, pirâmides e faraós), construíram a imagem que carreguei durante a infância do lugar de onde vim.

No início do ano passado uma amiga, também descendente de judeus egípcios refugiados, viajou ao país de seus avós em busca de conhecer os locais sobre os quais ela sempre escutou. Pesquisou nomes de ruas, foi em busca de construções, e fez descobertas incríveis. Depois de voltar, conversamos longamente. Mais do que as pedras e o cimento, quem contou à ela sobre sua história foi o próprio povo egípcio. Expressões, gestos, cheiros... Muito do que ela pensava ser particular de sua família, foi reconhecido nas mulheres e homens que hoje vivem lá.

No fim da conversa, ela me enviou um link para uma música de Umm Kulthum. Disse que certamente minha avó conhecia. Fui até a casa dela, coloquei para ouvirmos juntos. Emocionada, ela cantou junto e agradeceu. Enquanto preparávamos o almoço, conheci histórias que ela disse nunca ter contado para ninguém.

Meses depois fomos viajar em família na companhia de minha sobrinha, que recém completara um ano. Preparamos a Belila<sup>3</sup>, seguindo o costume egípcio de celebrar o nascimento do primeiro dente de uma criança. Enquanto comíamos, minha avó pediu: Vamos ouvir aquela canção?

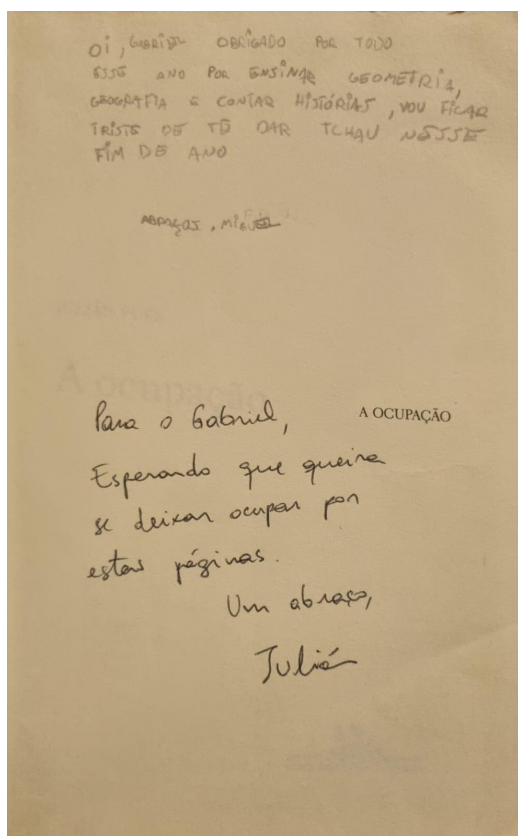
*"O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora."*  
(COUTO, 2003)

---

<sup>3</sup> Tipo de mingau feito com grãos de trigo, cozidos em leite adoçado. Costuma ser servido com castanhas, nozes e frutas secas.

## O PRESENTE DE MIGUEL

Foi em 2017, ano em que ingressei como professor do 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola católica, que recebi meu primeiro presente de natal. Dois anos depois, meu aluno Miguel, me deu no último dia letivo de dezembro um livro escrito por seu tio. Na folha de rosto, junto ao nome do livro, escreveu à lápis:



*"OI, GABRIEL OBRIGADO POR TODO ESSE ANO POR ENSINAR GEOMETRIA, GEOGRAFIA E CONTAR HISTÓRIAS, VOU FICAR TRISTE DE TE DAR TCHAU NESSE FIM DE ANO ABRAÇOS, MIGUEL".*

Mais abaixo, à caneta, a dedicatória do autor:

*"Para o Gabriel,  
Esperando que queira  
se deixar ocupar por  
estas páginas.  
Um abraço,  
Julián".*

Li o livro alguns dias depois, quase de uma vez só no voo que me levava de São Paulo à Bahia, onde passei os últimos dias do ano na companhia de amigos de infância. O texto apresenta *"o retrato das fragilidades de uma terra em transe: de um lado a população sem teto e os refugiados, de outro, um voyeur de classe média em ruínas."* (SILVA, 2020).

Meu interesse pela questão da moradia é anterior à leitura deste livro, em que Sebastián, o alter ego do escritor, mescla a narrativa de seus dramas pessoais com uma experiência imersiva em um edifício ocupado no centro de São Paulo. Antes de Julián, a diretora Eliane Caffé já tinha aberto uma porta para que pudéssemos conhecer através de suas lentes a ocupação Hotel Cambridge e algumas de suas personagens; poucos anos depois de ver o filme, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente Carmem Silva, líder do MSTC que



protagonizou a própria história no longa-metragem<sup>4</sup>. Ela foi uma das convidadas para falar no “A\_Ponte”, um festival promovido pelo núcleo de atuação social da Hebraica de São Paulo, do qual eu fiz parte de 2015 a 2019.

Nessa época atuávamos com moradores e lideranças de determinados territórios na identificação de demandas e mobilização das comunidades para realização de projetos que sonhávamos juntos. Particpei com esse grupo da construção de espaços de cultura e lazer no Jaguaré e Grajaú em projetos que, apesar de muito distintos no que se refere aos contextos, tinham algo em comum: a latente disputa pelo território e a centralidade das crianças nas demandas identificadas pelos moradores.

De alguma maneira evidenciava-se ali algo que só pude tomar consciência a partir da pesquisa de campo, das reflexões, leituras e sobretudo conversas com a professora Soraia Chung Saura, para a elaboração desta pesquisa. Uma inversão de perspectiva que desloca as crianças do lugar de meras receptoras de cuidado e as reconhece também como provedoras; existências capazes de, a partir de necessidades objetivas, oferecer sentidos tanto práticos quanto subjetivos para os adultos que mobilizam. Nas palavras de Soraia, “as crianças cuidam, na medida em que precisam ser cuidadas” e convidam seus responsáveis para o aterramento, ou seja, a construção de um ponto de terra firme em meio ao solo pantanoso.

Portanto, mesmo já tendo contato com o tema, percebo que foi o presente de Miguel que me permitiu perceber uma antiga conexão de minha história ancestral com a daqueles que estão envolvidos na luta por moradia na Cidade de São Paulo. Talvez o personagem que tornou essa relação explícita seja Najati, refugiado sírio, escritor e morador da Ocupação em quem reconheço traços bastante familiares.

Era Najati quem eu buscava nas páginas – que eu lia ainda enfiado naquele quarto do último andar do prédio ocupado, já desfeita minha redoma de poeira. Eu queria saber mais sobre Najati e seus familiares, quanta falta ele sentia da mulher que deixara para trás, dos filhos no Catar, por onde andavam agora Sumayya, Maria, Noos. Compreendia, em vez disso, que a maior falta que ele sentia, sua maior dor, se tais dores podem ser mensuradas, era a dor de saber fenecida a sua cidade, já sem corpo nem alma, apesar das ambições e das ilusões da perenidade. (FUKS, 2019, pag 45)

---

<sup>4</sup> Era o Hotel Cambridge - Filme de 2016, “conta a inusitada trajetória de um grupo de refugiados que divide com os sem-teto uma ocupação no centro de São Paulo. Na tensão diária pela ameaça de despejo, revelam-se pequenos dramas, alegrias e diferentes visões de mundo dos ocupantes” (Aurora filmes).

A possibilidade de entrelaçamento de histórias, que se encontram subjetiva e objetivamente, ofereceu uma pista para que eu encontrasse o lugar que buscava. Um terreno fértil de pesquisa das infâncias, onde pudesse não apenas conhecer, mas reconhecer. Olhar para mim, a partir do olhar para o outro. Olhar para o outro, a partir do que conheço sobre mim. Percebo, enfim, que encontrei um lugar para minha pesquisa. Um lugar construído a partir da sensação compartilhada - que carrego como herança - de um não-lugar no mundo.

*“Você pergunta por que eu vim parar aqui, eu não sei dizer, só sei dizer porque saí de lá (...)*

*Rosa, meu nome é Rosa”.*

(FUKS, 2019)

## AS CRIANÇAS DE ELZA

1

Era manhã de domingo, quando Samy, amigo de longa data, encostou na porta de casa. Entrei no carro e partimos, com o auxílio do Waze, para a recém nascida e batizada, Ocupação Elza Soares. No trajeto de aproximadamente 40 minutos, ele me contou sobre os momentos que antecederam a mensagem efusiva que me enviou no sábado anterior, às 5h15min da madrugada: “Tem mais uma ocupação. Acabou de acontecer. Acabou de dar tudo certo”.

Ele se referia à entrada de cerca de 50 pessoas, no imóvel localizado na rua Gaspar Lourenço, n.19. O local, que outrora abrigou uma escola privada, estava abandonado há 20 anos; foi descoberto pelo Movimento de Moradia da Região Central, que buscou as Brigadas Populares a fim de que juntos pudessem transformá-lo em moradia.

O processo iniciou-se na noite de sexta-feira, estendeu-se madrugada adentro e contou com presença e participação das crianças. As famílias reuniram-se com malas e sacolas na rua de baixo e ali aguardaram o comando dos líderes dos movimentos para se deslocarem até o endereço da futura ocupação. Como sua presença não passava despercebida no bairro nobre da cidade, chegaram a ser interpeladas por policiais, e alegaram que estavam aguardando o ônibus que logo partiria em uma excursão promovida pela Igreja.

Enquanto isso, em um apartamento localizado nas proximidades, advogados acompanhavam as rotas das rondas policiais, vigiadas por ativistas posicionados estrategicamente, a fim de encontrar o momento perfeito para a entrada. Foi perto das 2h da manhã que o sinal foi dado e um dos militantes chegou à porta do endereço com uma britadeira nas mãos. Em minutos, fez-se um buraco de tamanho suficiente para que todos entrassem e fechassem a passagem com armários e outros móveis encontrados no interior do edifício. Não demorou para que a polícia chegasse e os advogados tomassem a frente nas negociações.

Se, como falamos, as crianças desempenham papel fundamental em relação ao cuidado subjetivo, na prática suas presenças em uma situação como essa, de extrema vulnerabilidade, é igualmente importante na medida em que aciona mecanismos legais de proteção voltados para a infância. Nesse caso específico, apesar de não garantir o trato adequado, aumenta a proteção de todo o grupo, inibindo a ação violenta e o uso desproporcional da força, sobretudo na presença de observadores externos, como o grupo de advogados presentes.

Assim, utilizando o argumento de que a ocupação já tinha se concretizado e que havia crianças ali dentro, foi sugerido aos policiais que não entrassem no prédio utilizando a força e orientassem o proprietário a fazer um boletim de ocorrência para reivindicar a posse do imóvel pelas vias legais e burocráticas. Dentro do prédio, a orientação era que as famílias ficassem reclusas 48h, a fim de evitar o flagrante.

Estacionamos o carro e passamos pelo buraco, que já havia se transformado em porta, e por um jovem que fazia a guarda. Avistamos uma mulher sentada, com um cigarro aceso nas mãos. Era Luara, líder da ocupação.

*"Lembre-mos de que a apropriação do espaço não é unilateral. Se nos apoderamos do espaço, o espaço também age sobre nós e nos domina de formas diversas."*

(HISSA e NOGUEIRA, 2016, pag 62)

No dia da primeira visita, a ocupação celebrava uma semana de existência. Para minha surpresa, no local onde imaginei que iria encontrar todas as famílias sobre as quais escutei no percurso, tinham poucas pessoas. Dona Nenê se dedicava a cozinhar o almoço enquanto dois homens trabalhavam para estabelecer a fiação elétrica e Carla, militante das Brigadas Populares, liderava a produção de uma grande faixa vermelha que seria levada mais tarde para um ato contra o Governo Federal: "Ocupação Elza Soares".

Logo reparei que no chão do pátio havia uma mesa e um banco baixos, um pequeno escorregador de plástico, uma bola de futebol, uma motoca e um caminhãozinho de bombeiro. Fiquei animado em pensar que tinham crianças no local, e me perguntei onde elas estariam. Pedimos licença para conhecer o imóvel e fomos dar uma volta pelo espaço. Subimos as escadas e encontramos vestígios da instituição que aquele edifício abrigou outrora: uma quadra de futebol, salas amplas com quadros verdes e móveis típicos das escolas dos anos noventa. Algumas letras de E.V.A. e imagens infantis estereotipadas nas paredes me fizeram pensar na escola que funcionava ali, e as crianças e professoras que habitavam aquele local.

Quando descemos as escadas, vimos que duas meninas, que pareciam ter 3 e 5 anos, tinham chegado para o almoço acompanhadas por sua tia. Assim que acabaram de comer, foram brincar no escorregador: enquanto a mais nova escorregava, a maior a acompanhava dando-lhe a mão. Aproveitei a cena para perguntar às lideranças sobre as outras crianças que imaginei morarem ali. Entendi que para que as famílias se mudassem de fato era necessário garantir primeiro duas condições básicas: água encanada e energia elétrica.

Ao fim do almoço, apesar de um pouco frustrado, percebi que era importante respeitar o tempo necessário para que essa ocupação se estabelecesse, antes de ir ao encontro do que buscava. Voltei pra casa pensativo, na dúvida se deveria escolher outro espaço para minha pesquisa de campo.

Quatro meses se passaram até que eu retornasse à ocupação. Estávamos no período pré-eleitoral quando recebi um convite da Carla para a inauguração da Casa Cocar, um comitê da candidata à deputada federal Sônia Guajajara, que se estabelecia em uma pequena sala em frente ao pátio. Naquela noite haveria uma fala sobre a candidatura e uma pequena celebração com música e cerveja.

Fui ao evento com a expectativa de me reconectar com as lideranças e moradores e verificar se conseguiria agendar algumas visitas de campo para a elaboração da pesquisa. Percebi que o local já oferecia melhores condições; algumas famílias já haviam se estabelecido e naquela noite já pude fazer registros, atento às presenças das crianças no território.

Vale dizer que, talvez por conviver diariamente com as crianças em contextos escolares ou simplesmente por carregar em alguma medida a idealização típica dos adultos sobre “a infância”, imaginei que nos dias de visita encontraria invariavelmente as crianças reunidas, brincando. Claro que nesse contexto imaginado, a observação seria muito mais fácil, mas naquela noite pude notar que, embora circulassem pelo local, estavam dispersas e não se concentravam em uma atividade específica.

Na sala onde acontecia o evento, reuniram-se aproximadamente 20 pessoas. A presença da infância se dava a partir de uma bebê de 4 meses e seus irmãos; uma moça negra de pele escura, de cabelos muito presos, magra e com olhar sério, sentava-se próxima à porta, com a filha caçula no colo. Seus outros filhos entravam e saíam da sala de modo rotativo.

Em meu caderno de campo, fiz os registros:

*“Mãe com bebê de colo. Aparentemente, três irmãos mais velhos: 1 menina e 2 meninos. As crianças estão do lado de fora. Barulho contido. A menina assiste um pouco das falas e volta pro pátio. O menino chega, faz um denço na bebê. Beija suas mãozinhas, se ancora na mãe. Desliza seu corpo, quase cai. Sua mãe chama sua atenção discretamente. Ele faz uma graça com a bebê e vai pro pátio. Volta com uma mexerica. Silenciosamente, pede para a mãe descascar. Beija a bebê. Vai pro pátio. Cena se repete várias vezes. Oferece gomos de mexerica pra mãe, que come. A menina traz uma toalhinha, sua mãe cobre o peito e a cabeça da bebê. Amamenta. Depois, a menina pega sua irmã no colo, a*

*acomoda na cintura e sai andando. O menino mais novo senta no colo da mãe.”*

*“Todos no pátio. Vende-se cerveja e há uma pessoa que toca violão e canta. O som é amplificado e muito alto. Bebê no carrinho empurrado pelo irmão, que anda de um lado para o outro, simulando um carro de corrida.”*

*“Me pedem para ficar na mesa, vendendo cerveja, enquanto um grupo das Brigadas Populares usa a sala para fazer reunião. Fico junto aos moradores, observando. Uma delas se aproxima e, sentada no degrau, puxa conversa.”*

*“Me sinto deslocado. Tomo 1, 2, 3 cervejas. Falo com Carla, que me apresenta o “coordenador das crianças”. Conheço Raian. Bom em matemática, pede para eu falar uma conta...”*

(trechos de diário de campo, dia 30.09.2022)

Em uma breve conversa com Raian e Carla, ficou combinado que daquele dia em diante eu passaria a visitar a ocupação com regularidade. Uma vez por semana dedicava algumas horas para estar com as crianças e observá-las, geralmente entre às 19h e 21h30. Criei o hábito de combinar minha visita com Luara, mãe de Raian, que se ocupava de avisar as crianças e famílias quando eu estaria presente, ainda que não houvesse nenhuma solicitação minha nesse sentido. Se por um lado era uma prática respeitosa, por outro a própria reunião das crianças no pátio devido à minha presença já alterava o cotidiano das crianças da ocupação.

Importante dizer que, em geral, o lugar do pesquisador é mal compreendido. Mesmo que afirmasse desde o começo que minha intenção era interferir o mínimo possível na dinâmica do grupo e do espaço, tinha a sensação de que a expectativa, tanto dos adultos quanto das crianças, sobretudo nas primeiras visitas, era que eu propusesse alguma atividade; que oferecesse a elas algo além do meu olhar.

Percebendo esse contexto, consciente de minha posição de estrangeiro e sentindo a necessidade de estabelecer vínculos com as pessoas, me permiti alternar o lugar de pesquisador-observador com o de pesquisador-participante, mantendo o cuidado de respeitar a organização e gestão do espaço pelas crianças e adultos que o compõem.

Certa vez, no dia marcado para ir na ocupação, recebi uma mensagem da Kátia, outra coordenadora das Brigadas Populares. Ela solicitava que eu passasse a falar com ela para agendar as visitas e me avisava que naquela noite talvez não fosse bom eu estar presente, pois teria assembleia. Perguntei: “como é a presença das crianças na assembleia? Elas costumam participar de alguma forma?”. E a resposta, tão sincera quanto triste: “elas costumam ter que ficar quietas”. Lembrei das iniciativas que conheci ao longo do curso de pós-graduação “A vez e a voz das crianças”, que contavam com a participação ativa das crianças. Pensei na injustiça que elas estavam sofrendo por não terem seu lugar de fala garantido e na oportunidade que todo o coletivo perdia ao não construir um espaço de diálogo aberto a todos os moradores.

Ao longo da pesquisa pude observar brincadeiras de roda, jogos de futebol e a execução de manobras de bicicleta no pátio. Nas interações entre pares, foi notável uma hierarquia etária onde, na ausência de outros adultos, as crianças mais velhas desempenharam o papel de acompanhar, organizar e ensinar as mais novas.

A exposição das crianças de todas as idades às telas também mostrou-se muito presente. Os aparelhos celulares eram frequentemente utilizados para jogar, gravar danças e, sobretudo, assistir vídeos disponíveis na internet. Dessa forma, dediquei parte do meu tempo em campo para investigar os conteúdos que eram produzidos e consumidos pelas crianças através desses dispositivos.

Em uma de minhas visitas, Luara esqueceu de avisar as famílias que eu estaria presente e encontrei no pátio apenas Raian. Fiquei sabendo que pouco tempo antes de eu chegar houve uma briga entre moradores e naquele momento ocorria uma reunião, que me disseram ser sobre “guerras”. Nos orientaram a ficar em uma sala, que costumava ficar trancada, sob a justificativa de que o assunto não era adequado para crianças. Ao abrirmos a porta, fiquei encantado com o que vi: uma grande sala e uma estante enorme, repleta de livros, com acervo adulto e infantil. Vendo minha surpresa com o espaço, ele me contou que era onde fazia aula de Yoga e jogava capoeira.

Sentamos em um banco no canto da sala, ele com o celular e eu com meu bloco de notas em mãos. Ele apoiou sua cabeça em mim, abriu o Tik Tok e assistiu alguns vídeos de dança.



Alguns protagonizados por crianças e outros da Carreta Furacão<sup>5</sup>. Nesta cena, seguiu a conversa:

- Esse cara dança muito. (...) Eu gosto disso. Vídeo de acrobacia.
- Tomei nota.
- O que você está escrevendo?
- Pra eu lembrar.
- Das coisas que eu gosto?
- É.
- Ah, tá.

Raian é um menino negro de 10 anos. Filho de Luara, ocupa posição de destaque no grupo. Sempre que me encontrava pedia para desafiá-lo com contas e fazia questão de dizer que eram muito fáceis antes mesmo de tentar resolvê-las. Também era praxe pedir dois reais para mim e para outros adultos que encontrava. Não parecia ter uma relação próxima com as crianças pequenas e quando eu estava lá, gostava de conversar, utilizar gírias e contar vantagem. Uma vez me contou que antes de ir morar lá, trabalhava como guardador de carros e tinha bastante dinheiro: namorava duas irmãs ao mesmo tempo e, certa vez, “bornado de dindin” levou elas no Mc Donalds. Depois que todos fizeram o pedido, pegou o maço de notas e pagou toda a conta, para a admiração das meninas. Corporalmente habilidoso, mostrou-se capaz de reproduzir coreografias vistas no celular, levava à sério os jogos de futebol no pátio e gostava de “dar zerinho” e “dar grau”, manobras típicas de moto, que fazia com a bicicleta. Quando perguntei sobre a noite da chegada no imóvel, tratou o episódio, que me parecia uma grande aventura, com desdém. “Tá vendo aquele buraco ali? Eu que abri.”

---

<sup>5</sup> Grupo que se tornou largamente conhecido no Brasil. Seus integrantes fazem performances de dança e acrobacia, fantasiados de figuras populares dos quadrinhos e da TV.

“Eu acho errado pai que cria a menina sozinho. Porque é menina, sabe? Toma banho junto, sabe? É uma coisa que me dói. Eu acho errado.”

Quem me disse isso, cochichando, foi Erika, uma moradora que adorava conversar e ver shows de música gospel em seu celular. Ela, que já esteve em situação de rua, agora morava sozinha em um dos quartos da ocupação e aparentava ter proximidade com as crianças.

Khetlin é uma menina negra de três anos criada apenas pelo pai. “Essa menina é minha vida”, disse para mim Douglas, que aos 34 anos tem uma neta da mesma idade de sua filha. Pude observar que, apesar da pouca idade, a menina utilizava com independência celular e me dediquei a observar a interação entre criança e aparelho, em uma de minhas visitas.

Naquela noite, três meninos jogavam futebol no pátio. Khetlin, repousava seu corpo sobre o de Erika, enquanto assistia um vídeo da Baby Alive: era a gravação de alguém manuseando bonecas da marca, enquanto fazia uma narração. Ainda que o roteiro e a encenação fossem muito mais artificiais do que poderia ser uma brincadeira real, era como Khetlin estivesse assistindo alguém brincar de boneca por ela.

Poderíamos imaginar que por não saber ler e escrever, precisasse da ajuda de alguém para encontrar e selecionar os vídeos, mas pude verificar o contrário. A menina era capaz de reconhecer o ícone do Youtube no celular e, utilizando o recurso de comando de voz, encontrar os vídeos desejados. Mesmo com a dicção própria de uma criança de 3 anos, se fazia entender pelo aplicativo, e com essa estratégia, acessou músicas bastante populares, como “desenrola, bate, joga de ladin” e “malvada”, além dos clipes do Mc Lorenzo, um cantor de 6 anos com bilhões de visualizações nas redes sociais. Notando minha presença, me mostrava a tela, mexia o corpo e dava risada.

Dois irmãos se juntaram e Erika se encarregou de organizar uma fila para que todos tivessem um tempo garantido para interagir com o aparelho. Eles baixaram um jogo de corrida de carros e ela foi jogar bola com os outros meninos que estavam no pátio, vibrando a cada chute. Depois, sob protesto das crianças, recuperou seu celular para acompanhar, cantando baixinho, uma música gospel.

A presença dos aparelhos celulares parece ter chegado de maneira muito incisiva na infância, em diferentes contextos. De modo geral, podemos verificar que, com tempo e espaço disponíveis, seu uso é bastante presente, independentemente de lugar, classe social,

gênero, raça e outras interseccionalidades. Nessa perspectiva, o letramento para o uso de telas para adultos mostra-se bastante relevante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste trabalho simboliza o fim de um processo que inaugurou uma perspectiva afetiva, respeitosa e muito particular de olhar para as infâncias. Encontrar uma maneira de compartilhar esse percurso através das palavras foi um grande desafio e, agora, nos momentos finais da escrita, concluo que o processo não está acabado, foi apenas iniciado. Sustentando o lugar de escuta e sem a pretensão de encontrar respostas para questões complexas relacionadas às infâncias no contexto da luta por moradia, ainda tenho muito a investigar e descobrir.

Conhecer a Ocupação Elza Soares a partir, não apenas de seu espaço físico, mas também das mulheres, crianças e homens que habitam e constroem aquele ambiente, me possibilitou elaborar questões que seguem latentes e para as quais não há respostas unívocas. Ainda que se confundam e interfiram umas nas outras, opto por organizar em três blocos as inquietações que reverberam em mim a partir desta pesquisa.

### **Vestígios das infâncias**

Quais marcas revelam a presença ou ausência das crianças nos territórios?

Quais são produzidas pelas crianças e quais são produzidas para as crianças?

O que as marcas revelam sobre o contexto histórico e social em que se inserem?

### **Presença e ausência das crianças no contexto das ocupações**

Quais espaços são utilizados pelas crianças?

Como elas estão inseridas ou excluídas dos processos de organização política?

Como utilizam os espaços coletivos?

### **Culturas infantis e indústria cultural para a infância**

Quais produtos culturais as crianças estão produzindo e consumindo na atualidade?

Como a exposição e interação com as telas têm afetado as crianças ao longo das gerações?

Quanto se revela no corpo das crianças a exaustão por esse recurso? Quando abandonam as telas para brincar corporalmente?

É possível que minhas observações, reflexões e registros de campo ofereçam algumas pistas para nos aproximarmos de tais questões, mas sem dúvida mostram o quanto ainda é preciso pesquisar e observar a infância, para termos postulados mais fixos e gerais. Portanto, consciente de que muito já foi produzido e que ainda há um campo enorme a ser explorado, finalizo fazendo um convite para os que quiserem, assim como eu, se aventurar na elaboração de novas pesquisas e reflexões sobre os temas levantados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aurora filmes - *Era o Hotel Cambridge*. disponível em <https://www.aurorafilmes.com.br/era-o-hotel-cambridge>. Acesso em 6.11.2022.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, nº19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6.11.2022.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERREIRA-SANTOS, Marcos Ferreira. *Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku*. Educação Antirracista, caminhos abertos pela lei federal nº10.639/03, Brasília, p 205-229, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/ancestralidade%20e%20convivencia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/ancestralidade%20e%20convivencia.pdf). Acesso em: 6.11.2022.

FUKS, Julián. *A ocupação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GARZON, Jacob (tradução e comentários). *Hagadá de Pessach*. Congregação e Beneficência Sefaradi Paulista, 1989.

HISSA, C. E. V.; NOGUEIRA, M. L. M. Cidade-corpo. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54–77, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2674>. Acesso em: 6.11.2022.

MACHADO, A. Antologia Poética. (Seleção, tradução, prólogo e notas de José Bento). Lisboa: Editorial Cotovia, 1999.

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 5. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

Porto Editora – *ato (teatro)* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$ato-\(teatro\)](https://www.infopedia.pt/$ato-(teatro)). Acesso em: 6.11.2022.

SILVA, Jonatan, *Julián Fuks e a literatura de ocupação*. Escotilha, 2020. Disponível em:<https://escotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/julian-fuks-a-ocupacao-companhia-das-letras-resenha/>. Acesso em: 6.11.2022.